

# O poder e “a violência totalitária” no mundo dos mortos

## The power and the “totalitarian violence” in the world of the dead

Mateus Dalmáz

### Resumo

*A análise sobre a representação simbólica da morte expressa na estatuária cemiterial pode não apenas ser feita a partir do significado tradicional atribuído a ela por parte de quem a produziu, como também pelo uso de uma abordagem “pós-moderna”, a qual auxilia no exame do sentido e do alcance das obras fúnebres encontradas nos cemitérios. É este o objetivo do artigo, onde se estudam estátuas positivistas do cemitério da Santa Casa de Porto Alegre tendo por base as idéias de Michel Maffesoli.*

**Palavras-chave:** estatuária, símbolos, Maffesoli.

### Abstract

*The analysis about the symbolic representation of death expressed in the cemetery statuary, can be made not only from the traditional meaning attributed to it by whom produced it, but also by the use of a “post-modern” approach as well, which aids in the exam of the meaning and the reach of funeral works found at the cemeteries. It is the goal of this article, the study of positivist statues belonging to Porto Alegre’s Santa Casa’s cemetery having as theoretical support Michel Maffesoli’s ideas.*

**Key words:** statuary, symbols, Maffesoli.

É no mínimo curioso se deparar com as idéias de Michel Maffesoli a respeito do campo político da sociedade moderna e, quase que instantaneamente, visualizá-las nos cemitérios. Afinal, uma das grandes preocupações do referido autor foi compreender a dinâmica social do mundo dos vivos, ao passo que este trabalho enfoca justamente o mundo dos mortos. A aparente contradição logo se desfaz quando se considera o cemitério como um local recheado de representações simbólicas dos valores da socie-

dade, especialmente aqueles ligados às concepções políticas. Mais do que simples sepulturas, os túmulos de determinadas personalidades públicas se constituíram em espaços privilegiados para a divulgação e celebração de certas visões de Estado.

É o caso do cemitério da Santa Casa de Porto Alegre. Ali estão sepultados líderes políticos consagrados do Rio Grande do Sul (RS) no início do século XX, época de supremacia do Partido Republicano Riograndense (PRR) e do ideário

Mateus Dalmáz é Mestre em História do Brasil, doutorando em Comunicação Social pela PUCRS e professor de História da Univates – Centro Universitário. Endereço para correspondência: Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior; Departamento II, Curso de História. Rua Avelino Tallini, 171 Univer-sitário. 9590 0000 – Lajeado/RS. Caixa Postal: 155. Telefone: (51) 37 147000. E-mail: mateusdalmaz@yahoo.com.br

Textura	Canoas	n. 14	jul./dez. 2006	p.83-88
---------	--------	-------	----------------	---------

positivista. Em seus túmulos reside uma estatuária repleta de simbolismos alusivos à concepção de poder e de progresso hegemônicas no cenário político estadual daquele período. Algo que, na perspectiva teórica de Michel Maffesoli, particularmente desenvolvida na obra *A Violência Totalitária*, representaria uma tentativa de imposição autoritária do poder na sociedade. É justamente a análise das esculturas fúnebres sob a ótica do autor que se configura no objetivo deste estudo. Especificamente, serão examinados dois túmulos de consagradas figuras políticas do estado, ligadas, não custa repetir, à vertente republicana e positivista: o primeiro, de Júlio de Castilhos; o segundo, de Pinheiro Machado. Vale acrescentar, ainda, que a abordagem aqui proposta se ocupará menos de um resgate histórico do panorama político do RS na virada do século XIX para o XX do que de uma interpretação das obras – fúnebres e literárias – mencionadas.

Ao empregar a quantia de 12:799\$880 (doze contos, setecentos e noventa e nove mil, oitocentos e oitenta reis) para o arrendamento perpétuo de um terreno no cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, em abril de 1904<sup>1</sup>, o governo do RS estava envolvido no espírito de celebrar a figura e os ideais políticos de Júlio de Castilhos, até então um dos mais destacados líderes republicanos e falecido em outubro do ano anterior. Após ingressar nos quadros do PRR, fundar o periódico político-partidário *A Federação* (1884), redigir o primeiro texto constitucional republicano do estado (1891) e influenciar direta e indiretamente os caminhos da política regional por mais de uma década, as autoridades públicas estaduais trataram de prestar grandiosas homenagens a Castilhos. Ao fazê-las, o governo do estado não apenas se rendia à biografia do líder, como também – e principalmente – expressava o ideário positivista que tanto servia de referência política no RS. Elaborado no século XIX, ambientado no contexto da revolução industrial e tendo na figura de Augusto Comte (1798-1857) o seu grande idealizador, o positivismo considerou, em linhas gerais, que

a humanidade está em permanente evolução em direção ao progresso, mas dentro de uma ordem

pré-estabelecida. A ordem é a harmonia entre as diversas condições da existência e o progresso é visto como o desenvolvimento ordenado da sociedade, de acordo com as leis sociais naturais. Portanto, tudo que altere a ordem é considerado como negativo e, por isso, o positivismo é anti-revolucionário. O progresso é visto como a parte dinâmica da sociedade e a ordem como a parte estática. Cabe ao Estado promover a estacidade social, a ordem e o ajustamento do indivíduo à sociedade. O Estado positivista deverá ser dirigido pelos industriais e sábios ilustrados. (BELLOMO, 1984, p.85)<sup>2</sup>

Ao estado caberia a tarefa, portanto, de impor e preservar a ordem, bem como de promover o progresso. No RS, tal doutrina se traduziu em uma extrema concentração de poder nas mãos do chefe do executivo, conferindo ao governo estadual ares de personalismo, autoritarismo e de uma espécie de ditadura republicana. Perpetuar a memória de uma das grandes lideranças regionais, como Júlio de Castilhos, seria uma maneira, então, de expressar o ideal de poder concebido pelos republicanos positivistas no RS. O exame dos adereços que ornamentam o túmulo de Castilhos (Figura 1) habilita tal interpretação.

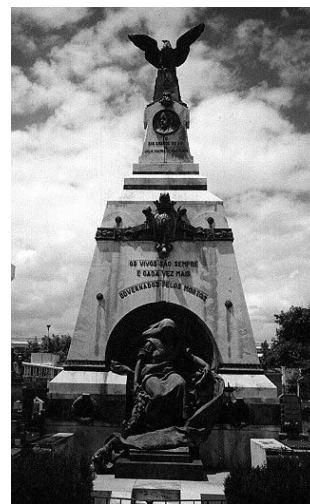


Figura 1 – Túmulo de Júlio de Castilhos.

<sup>2</sup>Em relação à ligação de Castilhos com o positivismo, Harry Bellomo ainda escreve que “nos primeiros tempos da pregação positivista destacou-se Júlio de Castilhos, nascido em 1860, estudou de 1877 a 1888 em São Paulo, onde se converteu à doutrina de Comte. (...) A pregação de Júlio de Castilhos se identificou com a dos jovens militares positivistas no seu caráter idealista, republicano, anti-liberal, tradicionalista, patriarcal e anti-socialista, combinando muito bem com o caráter autoritário do positivismo como caudilhis-mo rio-grandense. Com o golpe militar que proclamou a República, Júlio de Castilhos e seu grupo positivista chegaram ao poder, impondo ao Estado uma constituição autoritária e positivista, única no mundo, garantindo um predomínio político-ideológico de mais de um quarto de século nas estruturas de poder do governo estadual” (1984, p.86).

<sup>1</sup> Cf. Títulos de Arrendamentos da Santa Casa de Misericórdia, livro 26, nº 49 A. O túmulo foi elaborado pelo escultor carioca Décio Villares.



Observando-se a sepultura, cabe destacar, primeiramente, a frase que se enxerga ao fundo, a qual afirma que “os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos.” Com ela, o poder instituído no RS procura transmitir a idéia de que os grandes vultos do passado servem de modelo para as gerações futuras, construindo uma imagem heróica do líder político, cujo pensamento se confundia com a própria ideologia reinante no estado. A frase promove “uma idealização glorificadora dos grandes heróis da história, que (...) a ideologia positivista procurava transformar em modelos pelo seu exemplo de vida e virtudes de caráter” (DOBERSTEIN, 1992, p.52). O sentido da perpetuação do exemplo e, conseqüentemente, do poder também pode ser encontrado na forma simbólica<sup>3</sup> da águia, localizada no topo do monumento, uma vez que representa os ideais elevados do positivismo, os quais se estendem a longas distâncias e atingem o totalidade da sociedade. Esta, então, se subordinaria à autoridade do líder, do governo e do estado. Algo que simbolicamente se expressa no centro do jazigo com a figura feminina, que, desolada, derrama a bandeira brasileira sobre o túmulo de Júlio de Castilhos. O estandarte nacional confere à escultura o sentido de alegoria da pátria, a qual sentiria a perda de um de seus filhos mais ilustres. A efígie do morto em bronze e a data alusiva à constituição positivista do RS (14 de julho de 1891), localizadas no alto, completam o conjunto cívico-celebrativo oferecido pelo “Rio Grande do Sul a Júlio Prates de Castilhos.” Tal dedicatória, exposta na parte superior, também contribui para a construção da imagem de uma sociedade inteira – a população rio-grandense – curvada diante de seu líder<sup>4</sup>.

A tentativa de impor o poder e garantir o progresso ao conjunto da sociedade, exposta na sepultura e nos ideais positivistas, seria uma das principais características da sociedade moderna, conforme observa Michel Maffesoli. É

justamente sobre a ineficiência de tal pretensão que o autor se ocupa na obra que serve de referencial para este estudo (MAFFESOLI, 2001). Nela, o autor não apenas problematiza a extensão e o alcance dos modelos políticos no meio social como sustenta a hipótese de que o poder não é eficiente para moldar a sociedade. Em outras palavras, a idéia de controle, dominação e até mesmo de revolução, para Maffesoli, atuaria apenas numa parte da sociedade, a qual resistiria e se expressaria de múltiplas formas:

... o poder atua afinal como um simulacro, algo que tem o seu lugar, nem mais nem menos, na teatralidade social. De fato, pode-se verificar que, para além do controle e da dominação, para além do poder e da contestação ou de sua ‘revolução’ (*revolvere*), há sempre vida, e isso é que na verdade traz problema. Não obstante as imposições mortíferas, as normas e o dever-ser, em suma, apesar de tudo o que reprime a expansão natural, observa-se a persistência social que se exprime de múltiplas maneiras. (MAFFESOLI, 2001, p.32)

Empenhado em destacar a pluralidade do dado social, o autor prossegue desenvolvendo sua hipótese, destacando que a sociedade atuaria sobre um pluralismo estrutural, distante de um dualismo maniqueísta:

A dominação ‘direcional’, ao se estender, suscita essas brechas que são a fala, a orgia, a violência, a explosão do riso, etc., tudo o que permite exprimir o desejo, o amor ou o coletivo. Tudo isso fundamenta rigorosamente o social, regenerando-o ritualmente, e com isso sublinha que o social não atua sobre um dualismo maniqueísta mas, isso sim, sobre um pluralismo estrutural. Não existe um mal – o poder – e um bem – o não-poder – ou vice-versa, segundo o ponto de vista teórico ou existencial. Existe um misto complexo, no qual se imbricam estreitamente a destruição e a vida, a retração e a expansão, o poder e aquilo que ultrapassa, misto que determina e institui a tessitura social. (MAFFESOLI, 2001, p.32)

Ao produzir obras que simbolicamente expressavam a submissão da pátria ao domínio político do PRR, o governo estadual seguia sua pretensão de estabelecer o controle total da sociedade. Esbarrava, porém, na pluralidade da

<sup>3</sup>Entende-se por formas simbólicas “... um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (THOMPSON, 1999, p.79).

<sup>4</sup>Vale acrescentar que, de acordo com Harry Bellomo, “fazia parte do pensamento oficial a celebração cívica dos líderes políticos vinculados ao grupo dominante. Desta forma, o governo patrocinou não só a construção de monumentos públicos, como o de Júlio de Castilhos em Porto Alegre, mas também de uma série de jazigos monumentais no Cemitério da Santa Casa, reafirmando seus valores políticos e também atendendo ao princípio positivista do culto cívico ao líder e da conservação de sua memória, única imortalidade possível no ser humano” (1984, p.86-87).



estrutura social, a qual, conforme Maffesoli, se caracterizaria pela articulação de um conjunto de elementos (força, coletivo, diferenças), residindo aí a essência da potência social. Por este termo, entende o autor que "... um primeiro enfoque da potência exhibe certa labilidade social que é pura mobilidade. Essa pulsão, no sentido simples do termo, se manifesta em todos os níveis da existência individual e social" (MAFFESOLI, 2001, p.66). Por reunir diferentes valores, concepções e interesses, bem como por exprimir tal pluralidade diante de tentativas singularizantes de imposição da ordem, Maffesoli atribui à sociedade a potência de instituir um controle político e de se opor a ele<sup>5</sup>. Desta forma, o poder encontraria seus limites, pois, "em face do Estado, que é o triunfo do uno, encontra-se a sociedade dividida, lugar das diferenças" (MAFFESOLI, 2001, p.41).

Dentre tantos exemplos que se poderia explorar em relação à ineficiência do poder absoluto do estado positivista no RS, particularmente nos cemitérios tal limite se expressa nas diferentes maneiras de se lidar com a morte. Estas, conforme Edgar Morin (1997), se caracterizariam justamente pela individualização do morto, recurso considerado fundamental para o convívio dos vivos com a idéia da morte. Argumenta Morin que, diante da notícia da perda de um indivíduo, o homem passaria por um processo dialético de conscientização, trauma e tentativa de superação da morte (ou "prolongamento da vida").<sup>6</sup> Isto é, a constatação do óbito (conscientização) seria imediatamente sucedida pelo sofrimento causado pela idéia da inexistência do indivíduo (trauma), o que provocaria as mais diversas formas de perpetuação da memória do morto, além de crenças e mitos sobre a imortalidade (tentativa de superação da morte). Assim, para vencer a dor da perda da individualidade, se buscaria a preservação da singularidade do indivíduo. As representações simbólicas expostas nos cemitérios, então, atuariam menos no sentido de homogeneizar a morte do que de individualizar o

morto, a fim de que não desaparecesse a sua personalidade. Partindo-se de tal pressuposto, entende-se que o alcance do significado dos símbolos encontrados nas sepulturas seja reduzido, compreendendo aquela parcela de pessoas que reconhece e/ou se identifica com as particularidades do morto. O mundo dos vivos, assim, demonstraria a sua potência social no mundo dos mortos, uma vez que interpreta, percebe e se relaciona de maneiras diversificadas com os adereços tumulares. A mesma pulsão que impede a dominação totalitária<sup>7</sup> no campo político da sociedade contribui para que os símbolos cemitieriais não sejam absorvidos na sua globalidade. A pluralidade do dado social, portanto, também atenua a imposição das concepções políticas nos cemitérios.

É o que se pode perceber na análise do segundo túmulo proposto neste estudo, relativo a José Gomes Pinheiro Machado (Figura 2). Os 10:710\$000 (dez contos, setecentos e dez mil réis) gastos pelo governo estadual para o arrendamento perpétuo de um terreno no cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, em 1915<sup>8</sup>, justificavam-se pelos mesmos propósitos verificados no caso de Júlio de Castilhos: render homenagens a uma personalidade política destacada no âmbito da república positivista rio-grandense<sup>9</sup>.



Figura 2 – Túmulo de Pinheiro Machado.

<sup>5</sup>O autor procura esclarecer que o poder não é uma "abstração legalizada", sendo resultante de uma solidariedade social. Assim, "... fica assinalada a ambivalência da solidariedade social que faz com que o poder não se manifeste espontaneamente ou por um ato arbitrário, mas se origine de, funcione em e por um apelo social" (2001, p.45).

<sup>6</sup>É o que o autor chama de "triplo dado antropológico" (MORIN, 1997, p.34-38).

<sup>7</sup>Vale acrescentar que Maffesoli considera que toda a forma de poder (tirânica, democrática...) se apresenta como uma "violência totalitária" à potência da sociedade, uma espécie de reducionismo do plural em favor do uno.

<sup>8</sup>Cf. Títulos de Arrendamentos da Santa Casa de Misericórdia, livro nº 8.

<sup>9</sup>De acordo com Arnoldo Doberstein, "[Júlio] Castilhos, Borges [de Medeiros] e Pinheiro Machado foram as três mais importantes lideranças do PRR. Enquanto Castilhos e Borges consolidaram o poder do partido no Estado, a atuação de Pinheiro Machado foi mais a nível federal" (1992, p.51).



Eleito senador pelo PRR em 1890, Pinheiro Machado acabaria ganhando destaque como Presidente das Comissões de Verificação do Congresso, cargo através do qual poderia decidir a quem caberia uma vaga no Congresso em caso de uma eleição contestada. Sobre as circunstâncias de sua morte, escreve Arnaldo Doberstein que,

bem relacionado com o exército, com o capitalismo norte-americano e com os paulistas, seu poder de influência foi sensivelmente aumentado com a eleição de Hermes da Fonseca em 1910, sobre o qual tinha grande ascendência. Seu estilo político marcado pelo franco desdém à opinião pública, aos adversários e até mesmo aos correligionários de menor expressão trouxe-lhe um acúmulo de rancor e animosidade que desembocou no seu assassinato. Em 08/07/1915, um padeiro gaúcho, desempregado, Manso de Paiva Coimbra, apunhalou-o pelas costas, quando se encontrava numa elegante recepção no Hotel dos Estrangeiros. Apesar do assassinato nunca ter implicado ninguém, a suspeita de conspiração permaneceu. (1992, p.52-53)

O senador gaúcho assassinado na capital federal, então, recebeu o mausoléu mais imponente e majestoso dentre todos os políticos ligados ao positivismo no RS. Inaugurado em 1923<sup>10</sup>, o jazigo apresenta, primeiramente, a própria figura de Pinheiro Machado, que repousa morto sobre um leito de mármore e expõe a face e o tórax desnudo, com uma certa rigidez cada- vérica. O restante de seu corpo está coberto por uma bandeira do Brasil, transmitindo a idéia do mártir que morreu pela pátria. A figura feminina de pé, ao seu lado, é representada com um adereço típico da república, o barrete frígio envolto na cabeça, alusivo à Revolução Francesa. Tal qual uma mãe lamentosa está a república, desolada pela morte de um de seus filhos. O conteúdo simbólico desta imagem é semelhante ao da pátria que cobre o túmulo de Júlio de Castilhos com o estandarte nacional, comentado anteriormente. Ambos expressam a subordinação do todo social ao poder hegemônico do governante. Algo que se perpetuaria através do

<sup>10</sup> O túmulo foi elaborado pelo escultor carioca Rodolfo do Pinto e Couto, vencedor do concurso público nacional e preferido em detrimento do projeto de Décio Villares, aprovado em licitação estadual.

tempo, como simboliza a imagem da musa Clio, inspiradora da história na mitologia grega e que aparece sentada aos pés do cadáver, com pena e pergaminho na mão. É a história registrando os grandes feitos do morto para as gerações futuras, representadas pelas crianças e adolescentes em torno do corpo do senador.

Somando-se aos comentários anteriores, convém salientar o firme propósito do governo do estado em, através deste mausoléu, associar a preservação do poder a um componente intelectual, a saber, a versão dos vencedores exposta nos livros de história. Pois, é justamente uma história vista “de cima” que Maffesoli critica em sua obra, uma vez que considera que compreender a potência da sociedade em ação seria o mesmo que enxergar a dinâmica dos vencidos, dos “de baixo” no processo histórico:

De modo redundante, pode-se dizer que compreender a potência em ação, cujo caminhar tem a discrição dos passos de pomba (Nietzsche), é captar a eficácia daquilo que W. Benjamin chamava de os vencidos da História, ou G. Durand de ‘deixados por conta’. Esses deixados por conta que historicamente serão perseguidos, os heréticos, os poetas ou os proscritos dão de fato sentido à banalidade do vivido e para o crítico social exibem uma nova temporalidade que escapa à vida real, majestosa e firma, da história progressista. São outras tantas balizas que permitem situar (e quão imperfeitamente!) a ‘manutenção’ do interesse do agora onde, em miniatura, num momento, numa época, se representa o trágico do vivido. (2001, p.65)

Eis o banal, o irracional e o subjetivo fazendo parte do cotidiano. Ao invés da conduta moral essencialmente guiada no exemplo do herói e justificada pelos princípios racionais do poder, a sociedade, para Maffesoli, também se conduz pelos discretos e quase imperceptíveis desejos emotivos do dia-a-dia. As banalidades, portanto, contribuem para a pluralidade e para o politeísmo da sociedade. Multiplicidade esta que impede, muitas vezes, a compreensão do significado das formas simbólicas presentes nos cemitérios. Afinal, onde o poder procura mostrar a sua eficiência, a potência expressa a sua força.

Sobre a relação entre o poder e a ciência, simbolicamente representada na estatuá-



ria pelas imagens do senador da república (Pinheiro Machado) e da musa da história (Clio), ainda cabe salientar que se constitui, para Maffesoli, em uma das principais características do totalitarismo<sup>11</sup> na sociedade moderna. Afinal, para o autor,

a formulação mais rigorosa da união da ciência com o poder, devemos-la (...) a Saint-Simon, que se pode considerar o pai do socialismo. Para ele, a ciência positiva deve se colocar a serviço do que ele chama de 'ordem industrial', e é dessa função que depende a felicidade de uma sociedade racional, ponto culminante de uma longa evolução inevitável. Antes de chegar a essa função positiva, a ciência se havia extraviado no devaneio teológico e depois no metafísico. Tal concepção da ciência e de sua função, que em seguida foi sistematizada por Augusto Comte, está na base de todas as teorias dos reformadores sociais no século XIX. Vê-se tudo o que essa perspectiva pode trazer para o fantasma unitário do economismo que pretende integrar todos os papéis sociais na temática da utilidade. (2001, p.270)

Com este estudo, enfim, buscou-se elaborar uma compreensão do alcance social do significado simbólico da estatuária cívico-celebrativa encontrada nos cemitérios, tendo por base a perspectiva teórica de Michel Maffesoli. Considerou-se que, assim como o poder se mostra ineficiente perante a potência da sociedade no mundo dos vivos, o mesmo se estabelece no mundo dos mortos, pois este pode ser interpretado como uma representação simbólica daquele. As sepulturas examinadas contêm as pretensões de imposição da ordem e do controle, identificadas em seus adereços. Estes, por sua vez, não se mostram eficazes na proposta de difusão do ideário político, tendo em vista que esbarram no pluralismo do dado social, algo que,

nos cemitérios, evidencia-se nas formas individualizadas, múltiplas, de se lidar com a morte, em detrimento do comportamento único e padronizado. Assim, diante do conteúdo singular e totalizante das esculturas, impõe-se a interpretação múltipla e difusa da sociedade, o que fragiliza a concepção moderna das grandes "formas" que moldam o corpo social. A pulsão da potência, então, permearia os dois mundos, dos vivos e dos mortos.

## REFERÊNCIAS

- BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária em Porto Alegre. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). *Rio Grande do Sul: aspectos da cultura*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.
- DOBERSTEIN, Arnaldo. *Porto Alegre, 1900-1920: estatuária e ideologia*. Porto Alegre: SMC, 1992.
- MAFFESOLI, Michel. *A Violência Totalitária: ensaio de antropologia política*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- TÍTULOS DE ARRENDAMENTOS DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA, livro 26, nº 49 A.
- TÍTULOS DE ARRENDAMENTOS DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA, livro nº 8.

<sup>11</sup>Para Maffesoli, "chamamos de totalitarismo o empreendimento, difuso e autoritário, de órgãos estatais sobre o conjunto das atividades da vida social, e isso nos pareceu particularmente bem aplicado pelos atores que são esses 'diretores' ou 'managers' organizados em corpos solidários e eficazes. Essa tendência, representando o que se pode chamar de 'mito do Grande Inquisitor', dá-se regularmente nas diversas sociedades humanas. Ela representa o empenho de unidade, isto é, de perdurância ante o processo arcaico de dissolução, de desagregação sempre presente nas estruturas sociais" (2001, p.260).

